



LARGOS E PRAÇAS	ATRIBUTOS / CARACTERÍSTICAS	VALORES IDENTIFICADOS	PROBLEMAS	DIRETRIZES DE PRESERVAÇÃO
<p><b>PRAÇA MARECHAL DEODORO</b></p>	<p>1) Breve histórico do espaço: a praça se localiza na área de expansão do bairro do Comércio conquistada ao mar após os aterros dos séculos XIX e XX vinculada ao antigo Mercado. Ocupa o espaço antes conhecido como Cais do Ouro. No século XX, possivelmente na década de 1910, a praça foi arborizada e ajardinada com canteiros ao modo de parterre de broderie, por entre os quais circulavam os bondes, mas teve sua configuração alterada pela abertura da Av. Jequitaia. Posteriormente, se converteu em um terminal intermunicipal de ônibus até meados do século XX e, com a desativação deste, em um grande estacionamento de veículos. Em 1997, a praça foi redesenhada, revertendo-se sua antiga condição de terminal / estacionamento por meio da criação de áreas de convívio, canteiros, nova pavimentação, bancos, postes, instalação do monumento da AICO, entre outros melhoramentos. A praça passou recentemente por uma reforma inaugurada em 2020, mantendo-se a configuração geral anterior à obra, porém promovendo melhorias na infraestrutura geral do logradouro. Foram refeitos os pisos, instalados novos equipamentos de mobiliário, como bancos, postes e fradinhos, além da ciclovia.</p> <p>2) Caracterização atual do espaço: praça retangular, tendendo à trapezoidal, plana, com 9.450,70 m<sup>2</sup> de área e 428,84 m de perímetro. A praça é circundada por edificações comerciais e de serviços (sobrados ou edifícios modernistas), edificações vazias, parcialmente vazias ou em ruínas, a exemplo do antigo Mercado do Ouro, com publicidade moderada. Preserva seu caráter de praça arborizada, com presença de árvores de grande porte dispostas de forma regular, constituindo um dos poucos espaços livres com cobertura vegetal expressiva no bairro do Comércio. A praça possui pavimentação em pisos cimentícios pintados de vermelho, utilizados internamente e na ciclovia, pedras portuguesas brancas, faixas de granito e piso tátil direcional, 4 rampas de acessibilidade, 24 bancos, sendo 12 de granito circundando as árvores e 12 de granito com assentos de madeira e sem encosto, 32 lixeiras, sendo 24 metálicas com madeira e 8 cilíndricas em madeira, monumento da AICO (Associação Iberoamericana de Câmaras de Comércio) (2000), conhecido como Mãozinhas, 39 postes de 4 modelos, sendo 2 antigos remanescentes (assemelhando-se a uma lanterna) na face Norte, placas de sinalização, 6 fradinhos em material plástico/emborrachado, tipo cone balizador, constatando-se a ausência de 2 deles na face Sul, e 34 fradinhos cilíndricos em concreto, sendo 8 na face da praça próxima ao antigo Mercado do Ouro (Sul) e 26 na face da praça confrontante com a Av. Jequitaia (Oeste), utilizados como bancos, principalmente aqueles dispostos em baixo do abrigo/parada de ônibus, 1 abrigo/parada de ônibus contínuo com pilares de concreto e cobertura de madeira, 1 bicicletário metálico pintado de cinza. A praça é utilizada por vendedores ambulantes (para comércio de lanches, bebidas, produtos usados e de segunda mão), concentrados principalmente na lateral direita da praça, no piso e nos bancos de granito que circundam as árvores, pessoas em situação de rua e usuários de transporte público. Encontra-se em estado geral de conservação bom, apesar dos furtos das grelhas das canaletas de drenagem e despigmentação dos pisos cimentícios vermelhos.</p>	<p>1) Reconhecimento da malha viária traçada em áreas aterradas nos séculos XIX e XX.</p> <p>2) Reconhecimento de edificações de valor histórico e artístico (Mercado do Ouro).</p> <p>3) Reconhecimento de testemunhos edificados de épocas e linguagens arquitetônicas diferentes, expressos notadamente nas fachadas voltadas para a via pública, e seu papel no emolduramento da Praça Marechal Deodoro.</p> <p>4) Reconhecimento da relação visual Cidade Baixa/Cidade Alta como elemento significativo para a leitura do frontispício da cidade de Salvador.</p> <p>5) Reconhecimento das manifestações culturais de natureza imaterial resultantes da multiculturalidade associada à contribuição histórica de diferentes grupos étnicos, tais como: a passagem do cortejo da Lavagem do Bonfim.</p> <p>6) Reconhecimento da dimensão simbólica, identitária e funcional dos espaços públicos, em especial a Praça Marechal Deodoro.</p> <p>7) Valor histórico e paisagístico da Praça Marechal Deodoro para o bairro do Comércio e zona central de Salvador como um dos poucos remanescentes de praça arborizada.</p> <p>8) Importância da Praça Marechal Deodoro para os moradores das ocupações informais do bairro, expressa nos mapas mentais produzidos pela comunidade, com destaque para a massa arbórea e monumento da AICO (Mãozinhas).</p>	<p>1) Conflito entre intervenções de requalificação de espaços públicos e respeito às características históricas, paisagísticas e morfológicas dessas áreas e do setor.</p> <p>2) Macroparcelas que abrigam praças prejudicadas por intervenções modernizadoras ou de adaptação do sistema viário ignorando os valores históricos e paisagísticos dos espaços livres públicos.</p> <p>3) Presença de edificações vazias, parcialmente vazias ou em ruínas, que atestam o enfraquecimento da dinâmica comercial, de serviços e residencial no entorno da Praça Marechal Deodoro, a despeito dos projetos propostos na vizinhança para os antigos Mercado do Ouro (Museu do Ritmo) e Trapiche Barnabé.</p> <p>4) Conflito entre o potencial que alguns trechos do setor apresentam para o fortalecimento do uso habitacional, bem como da Praça Marechal Deodoro para o lazer cotidiano, e a insuficiência de equipamentos voltados para essa finalidade.</p> <p>5) Problemas de conservação da pavimentação cimentícia e das grelhas de recobrimento das canaletas de drenagem pluvial, em razão da falta de manutenção, de ações de vandalismo e/ou da eleição de materiais com pouca durabilidade para o projeto dos espaços livres públicos, a despeito da obra recentemente inaugurada em 2020.</p>	<p>1) Preservação das características remanescentes da malha viária e do macroparcelamento que estruturam o setor a partir da fundação da cidade, assim como do macroparcelamento decorrente das transformações urbanas e aterros dos séculos XIX e XX, incluindo a atual configuração da Praça Marechal Deodoro.</p> <p>2) Preservação do setor como referência histórica fundamental do processo de avanço da cidade sobre o mar, de estruturação de sua função portuária e comercial e como locus de experiências urbanísticas e arquitetônicas inovadoras, transformadoras e distintas dos padrões desenvolvidos na Cidade Alta.</p> <p>3) Conservação das características históricas e paisagísticas das praças e largos, tais como o caráter seco ou vegetado, dimensões, mobiliário, monumentos e elementos artísticos, quando existentes.</p> <p>4) Preservação e valorização da Praça Marechal Deodoro enquanto praça densamente arborizada do século XX voltada para o uso público, com o tratamento do mobiliário, pavimentação e vegetação adequados aos aspectos históricos, paisagísticos e morfológicos do setor, com vistas ao suprimento de áreas de lazer e de vivência para a população residente no setor e entorno próximo.</p> <p>5) Embutimento de fiação e definição da forma e tamanho de postes e demais elementos da iluminação pública de modo adequado à Praça Marechal Deodoro.</p> <p>6) Valorização e fortalecimento das referências e práticas culturais historicamente vinculadas ao setor, tais como celebrações religiosas, como a passagem dos cortejos de Nosso Senhor do Bonfim e de Nossa Senhora da Conceição da Praia, assim como manifestações e formas de expressões culturais de diferentes grupos étnicos, tais como a capoeira.</p> <p>7) Preservação do antigo Mercado do Ouro como parte do conjunto de estruturas remanescentes de mercados e trapiches que constituem referências históricas das funções comerciais e portuárias do setor.</p>



LARGOS E PRAÇAS	ATRIBUTOS / CARACTERÍSTICAS	VALORES IDENTIFICADOS	PROBLEMAS	DIRETRIZES DE PRESERVAÇÃO
<p><b>PRAÇA CAIRU</b></p>	<p>1) Breve histórico do espaço: a praça se localiza na área de expansão do bairro do Comércio conquistada ao mar após os aterros dos séculos XIX e XX vinculada à Alfândega Velha. Teve seu nome substituído em 2024 para Praça Maria Felipa. Ocupa o espaço antes conhecido como Largo da Alfândega e Praça do Comércio. No século XX, possivelmente na década de 1910, a praça foi ajardinada e arborizada com canteiros simétricos e eixo central demarcando a ligação com a Alfândega Nova (prédio onde passou a funcionar o atual Mercado Modelo, após o incêndio do antigo). Entre os anos 1930 e 1940 foi instalado o monumento ao Visconde de Cairu, época em que a praça possuía densa arborização e um abrigo / ponto comercial para espera dos passageiros dos bondes. Nos anos 1950 se converteu em um terminal de ônibus e depois em um grande estacionamento de veículos. A abertura da Av. Contorno nos anos 1960 provavelmente ocasionou a mutilação da praça, seu distanciamento do Elevador Lacerda e descentralizou o monumento. Em 1985, passou por uma reforma em que foi realizada a pavimentação atual com a projeção da fachada do Mercado Modelo. A praça passou recentemente por uma reforma inaugurada em 2020, modificando-se parte da configuração anterior à obra. Foi reaproximada do mar com a exclusão do estacionamento fronteiro, da pista que passava na lateral do mercado, bem como do posto de gasolina ali existente. Foram promovidas melhorias na infraestrutura geral do logradouro, como a recuperação dos pisos, instalação de novos equipamentos de mobiliário, como bancos, postes e quiosques, além de um novo peitoril no limite entre a praça e o mar.</p> <p>2) Caracterização atual do espaço: hoje a praça integra um logradouro composto por diferentes áreas que foram sendo reconfiguradas ao longo do tempo, ora segregadas, ora fundidas, resultando num espaço de 20.469,34 m<sup>2</sup> e 842,57 m de perímetro. Essa área abarca a Praça Visconde de Cairu propriamente dita (em frente ao Mercado Modelo), o trecho aos fundos do Mercado Modelo e a entrada do Terminal Náutico (onde há um estacionamento de veículos), a lateral do Mercado Modelo até o limite do cais (onde existiam um estacionamento e um posto de gasolina até a última reforma), o local historicamente conhecido como Rampa do Mercado e o local onde existiu o Monumento à Cidade de Salvador (ao lado da Capitania dos Portos), que sofreu um incêndio em 2019. A praça propriamente dita trata-se de uma área ovalada, plana, circundada por sobrados em que funcionam atividades comerciais ou edificações subutilizadas, sem publicidade ostensiva, Mercado Modelo, Elevador Lacerda, edifícios modernistas e novas instituições como a Cidade da Música da Bahia e a futura sede do Arquivo Histórico Municipal de Salvador. Preserva seu caráter de praça arborizada, com presença de árvores de grande porte dispostas lateralmente, à esquerda do mercado, bem como um maciço aos fundos, destacando-se o monumento ao Visconde de Cairu (grupo escultórico em pedra e bronze, de 1934) como elemento central e histórico, porém hoje topologicamente descentralizado em razão da abertura da Av. Lafayette Coutinho (Av. Contorno), que provavelmente mutilou parte do espaço. O logradouro possui pavimentação em placas de cimento armado e pedras portuguesas pretas e brancas representando a projeção da fachada do Mercado Modelo no piso (parte frontal da praça), pisos em granito cinza, vermelho e branco, blocos intertravados e piso tátil direcional, 2 rampas de acessibilidade, 45 bancos, sendo 44 em madeira (10 sem encosto e 14 com encosto) e 1 em concreto (próximo ao cais), 39 lixeiras, sendo 19 metálicas com madeira e 20 cilíndricas em madeira, gradil metálico pintado de branco que delimita e protege o estacionamento, busto do ex-prefeito Arnaldo Pimentá da Cunha (fundos do mercado), escultura em metal com base revestida em granito (fundos do mercado), 53 postes e 6 refletores, placas de sinalização, 13 fradinhos em material plástico/emborrachado, tipo cone balizador, e 50 fradinhos cilíndricos em ferro pintados de cinza, peitoril em aço inoxidável demarcando o limite entre a praça e o mar e quiosques em alvenaria e madeira. A praça é utilizada por transeuntes, turistas, visitantes locais e vendedores realizando atividades de comércio (lanches, bebidas, souvenirs, cangas, chapéus e outros artigos turísticos) e serviços informais, concentrados no lado esquerdo da praça, onde há incidência de sombra, e nos fundos do Mercado Modelo. Encontra-se em estado geral de conservação bom.</p>	<p>1) Reconhecimento da malha viária traçada em áreas aterradas nos séculos XIX e XX.</p> <p>2) Reconhecimento de edificações de valor histórico e artístico (Mercado Modelo e Elevador Lacerda).</p> <p>3) Reconhecimento de testemunhos edificados de épocas e linguagens arquitetônicas diferentes, expressos notadamente nas fachadas voltadas para a via pública, e seu papel no emolduramento da Praça Visconde de Cairu.</p> <p>4) Reconhecimento da relação visual Cidade Baixa/Cidade Alta e da Baía de Todos os Santos como elementos significativos para a leitura do frontispício da cidade de Salvador.</p> <p>5) Reconhecimento das manifestações culturais de natureza imaterial resultantes da multiculturalidade associada à contribuição histórica de diferentes grupos étnicos, tais como: a passagem do cortejo da Lavagem do Bonfim e da procissão de Nossa Senhora da Conceição da Praia. Destaca-se a memória histórica vinculada às formas tradicionais de abastecimento, comércio e artesanato que tinham na Rampa do Mercado um atracadouro e espaço de circulação de produtos artesanais originários do Recôncavo e que são, atualmente, comercializados no Mercado Modelo. Espaço de permanência das práticas de capoeira na cidade.</p> <p>6) Reconhecimento da dimensão simbólica, identitária e funcional dos espaços públicos, em especial a Praça Visconde de Cairu.</p> <p>7) Valor histórico, urbanístico e paisagístico da Praça Visconde de Cairu para o bairro do Comércio e zona central de Salvador como um dos poucos remanescentes de praça arborizada e seu monumento.</p>	<p>1) Conflito entre intervenções de requalificação de espaços públicos e respeito às características históricas e morfológicas dessas áreas e do setor.</p> <p>2) Macroparcelas que abrigam praças prejudicadas por intervenções modernizadoras ou de adaptação do sistema viário ignorando os valores históricos e paisagísticos dos espaços livres públicos, acarretando, em particular, a redução da área da Praça Visconde de Cairu e o isolamento do monumento ao Visconde de Cairu, atualmente posicionado rente à Avenida Contorno.</p> <p>3) Localização sensível com possibilidade de novas intervenções impactarem significativamente a composição paisagística e a visualização do frontispício da cidade de Baía de Todos os Santos.</p> <p>4) Tendência de ocupação das edificações localizadas no entorno da Praça Visconde de Cairu por atividades e equipamentos vinculados ao lazer e turismo, com potencial de impacto sobre o logradouro e a paisagem.</p>	<p>1) Preservação do setor como referência histórica fundamental do processo de avanço da cidade sobre o mar, de estruturação de sua função portuária e comercial e como lócus de experiências urbanísticas e arquitetônicas inovadoras, transformadoras e distintas dos padrões desenvolvidos na Cidade Alta.</p> <p>2) Conservação das características históricas e paisagísticas das praças e largos, tais como o caráter seco ou vegetado, dimensões, mobiliário, monumentos e elementos artísticos, quando existentes.</p> <p>3) Preservação e valorização da Praça Visconde de Cairu enquanto praça arborizada do século XX voltada para o uso público, com o tratamento do mobiliário, pavimentação e vegetação adequados aos aspectos históricos e morfológicos do setor.</p> <p>4) Embutimento de fiação e definição da forma e tamanho de postes e demais elementos da iluminação pública de modo adequado à Praça Visconde de Cairu.</p> <p>5) Valorização e fortalecimento das referências e práticas culturais historicamente vinculadas ao setor, muitas delas decorrentes da sua relação com a Baía de Todos os Santos e a Rampa do Mercado, tais como práticas religiosas afrodiáspóricas, a capoeira e a circulação de artesanato e outros produtos tradicionais originários do Recôncavo.</p> <p>6) Preservação do Mercado Modelo e da Rampa do Mercado como parte do conjunto de estruturas remanescentes de mercados e trapiches que constituem referências históricas das funções comerciais e portuárias do setor.</p>